

Ernesto Bozzano

A PROPÓSITO DOS CASOS DE IDENTIFICAÇÃO DE MORTOS, DESCONHECIDOS DO MÉDIUM E DOS ASSISTENTES

Eis, por exemplo, o que René Sudre julgou de opor à primeira das categorias enumeradas — a dos casos de identificação de mortos, desconhecidos do médium e dos assistentes:

O caso em que o comunicante é completamente desconhecido do paciente e dos circunstantes constitui também elemento de prova, quando se lhe pode verificar a identidade. As pessoas que se vêm incorporar em certos médiuns, são, em geral, de condição modesta, que habitaram regiões afastadas, onde aqueles nunca puseram o pé. Dão detalhes muito circunstanciados sobre si mesmos, sobre a família, sobre a profissão que tiveram e sobre os humildes misteres de sua vida. As pesquisas apresentam sempre grandes dificuldades, as testemunhas são velhas, os locais indicados, por das vezes já demolidos, os primeiros esclarecimentos desalentadores e difíceis... Ainda assim se, acaso, erros existem, tudo se chega a verificar... A hipótese meta-psíquica é aqui mais lógica do que a espírita, que não encontra razão alguma para essas manifestações intempestivas. E uma razão existe sempre; em geral, uma recordação esquecida do paciente e que subitamente aparece com a mobilidade onírica dos elementos psicológicos, dissociados durante o transe. Pode também ser um pensamento dos assistentes. As notícias diversas dos jornais são uma mina permanente de criações espíritas. Que um suicídio dramático tenha impressionado o paciente e há as maiores probabilidades que o morto, um dia ou um ano mais tarde, venha incorporar-se ao médium, (págs. 345-352.)

Nesta citação, o trecho por mim posto em grifo constituiria «frase» destinada a impressionar o leitor, conquistando-lhe despoticamente o assentimento. Apenas não foi ele, desta vez, muito feliz; a frase, por caiporismo, parece mais um gracejo. Estou a ver mais de um leitor dar tratos à mente, em busca dos motivos que levaram o autor a declarar intempestivas essas manifestações e sem razão de ser a explicação espírita dos fatos. E nem podemos admitir a possibilidade de Sudre ignorar as circunstâncias em que se dão as comunicações medianímicas de mortos desconhecidos do médium e dos assistentes, circunstâncias que os próprios Espíritos, que se manifestam, explicam quase sempre. Somos, pois, levados a crer que mostra não as conhecer porque nelas vê, para a sua tese, intempestivo obstáculo, contra o qual não dispõe de arma outra além daquelas frases e dos artifícios de retórica. Em todo o caso, em homenagem aos que me lêem, vou, em duas palavras, tentar avivar-lhe a memória.

A primeira e mais importante destas circunstâncias consiste no fato de os «Espíritos desconhecidos» serem, quase sempre, trazidos às sessões pelos «Espíritos familiares» do grupo, que previamente anunciam que vão trazer a se manifestarem Espíritos de desconhecidos, identificáveis graças às informações por eles mesmos fornecidas, a fim de provar, de modo incontestável aos experimentadores, que as personalidades que se apresentam nas sessões medianímicas são de mortos e não simples personificações subconscientes.

Há também «Espíritos desconhecidos» que se manifestam para pedir a transmissão de mensagens afetuosas aos seus parentes e amigos, ainda vivos, mensagens em que anunciam aos seus que «vivem» e como vivem.

Outros «Espíritos de desconhecidos» explicam o seu aparecimento nas sessões e subsequente manifestação pelo médium, dizendo que viram ao longe uma «luz», que dela se aproximaram constatando, com surpresa, a possibilidade de poderem, através dessa «luz» (que é o médium em estado de transe), entrar em comunicação com o mundo dos vivos, e que não quiseram deixar passar a feliz oportunidade .

São estas as principais razões que dão os Espíritos de desconhecidos para explicar o seu aparecimento nas sessões medianímicas; a mim me parece que longe estão elas de merecerem ser tidas como intempestivas e ainda menos sem razão de ser.

Mas a verdade, em relação a opiniões tão singulares, reside no fato de, ao publicar o seu livro, não ter tido Sudre precisamente em mira escrever um tratado de metapsíquica, isto é, um trabalho científico, objetivo e imparcial, mas tão somente lançar um requisitório cego e partidário contra os abomináveis defensores da sobrevivência da alma, embora cientificamente demonstrada. Para tal, como em muitas circunstâncias outras, à mingua de argumentos válidos, vê-se forçado a lançar mão de frases vazias, mas sonoras, como a de que faz uso para denunciar como intempestivas e sem razão de ser as manifestações mais importantes, sob o ponto de vista teórico, na fenomenologia metapsíquica. Com a ajuda destes expedientes mesquinhos é que pretende entrar em campo contra a hipótese espírita.

Quanto às pretensas explicações naturais das manifestações, de que estamos tratando e que Sudre enumera no trecho por mim citado, acho inútil mesmo discuti-las; os casos que vou apresentar aos leitores bastarão, por eles mesmos, para contradizê-las cabalmente.

Destaco os dois casos a seguir de um livro que acaba de aparecer na Inglaterra sob o título: «Au revoir, not Good Bye», de que é autor o Sr. Walter Appleyard, juiz de paz e Lord Mayor da cidade de Scheffield.

Entre outras, narra ele as suas experiências com uma senhora de alta distinção, que se desenvolveu como médium notável de «voz direta».

A mulher de W. Appleyard, já então falecida, não tardou a se manifestar por intermédio da médium, sua antiga amiga, conversando com o próprio metal de voz que tinha em vida e fornecendo provas admiráveis de identificação pessoal.

A Sra. Appleyard que, antes de morrer, havia seguido com vivo interesse o movimento espiritualista, não ignorava as críticas provocadas pelos casos em que as personalidades de mortos comuni-cantes eram familiarmente conhecidas no meio em que se manifestavam; propôs, então, fornecer a seu marido provas complementares e irrefutáveis de identificação espírita, recorrendo ao sistema de trazer às sessões Espíritos de mortos pouco conhecidos ou completamente desconhecidos dos experimentadores .

O Sr. Appleyard assim descreve um dos primeiros incidentes desta natureza:

Em Outubro de 1922, manifestou-se um indivíduo, que deu o nome de George Martin, esforçando-se, diversas vezes, mas em vão, por oferecer pormenores «sobre a sua pessoa. No correr das duas primeiras tentativas conseguiu apenas repetir o nome, que ninguém conhecia. Na terceira, chegou mesmo a esclarecer ter sido mestre-escola. Era demasiado pouco para prova de identidade. Tentou ainda uma quarta vez e, então, com mais êxito. Depois de dizer que se manifestava o convite da "petite dame" (isto é, de minha mulher), acrescentou: "Meu nome é George Martin; habitei Sus-sex Road, 112; era o primeiro mestre da escola de... (ele dá o nome), onde estagiei 17 anos. Minha mulher se chama Annie. Morri aos 65 anos de idade e isto há já 5 anos."

No dia seguinte fui informar-me na repartição de Instrução Pública; tudo me foi confirmado, salvo o nome da viúva e o número da casa, que não eram conhecidos dessa repartição. Consultei, então, um anuário de seis anos atrás, onde encontrei o nome de George Martin no número indicado pelo Espírito e, por fim, um número recente do mesmo anuário, onde pude verificar que o nome do antigo ocupante da casa havia sido substituído pelo da Sra. Annie Martin. (Pág. 112.)

Não escolhi propositadamente o caso acima pelo seu valor teórico, mas apenas para dar, desde logo, um exemplo típico de grande número de casos dessa natureza. Mesmo assim, penso que não se possa apelar para a cômoda hipótese da «pro-sopopese-metagnomia» em forma de «criptomnesia» (leitura na subconsciência dos assistentes de dados conhecidos e posteriormente esquecidos).

Como tivemos oportunidade de ver, o experimentador para completar o seu inquérito teve de recorrer a três fontes diversas de informações, não parecendo crível que os esclarecimentos obtidos existissem reunidos na subconsciência deste ou na de qualquer outro membro do grupo, sendo para notar que dentre os esclarecimentos estavam compreendidos o nome da mulher do obscuro mestre--escola que medianimicamente se manifestava, o nome da rua em que havia habitado e o número da casa.

No caso que se segue e que me vem do mesmo livro, a manifestação do Espírito de desconhecido complica-se de modo interessante devido a um erro de transmissão medianímica, resultante da intervenção concomitante de dois Espíritos, desejosos ambos de se manifestarem. E tudo ocorre em tais condições de realização que a hipótese da prosopo-pese-metagnomia se acha afastada de modo indiscutível. O episódio se deu na sessão de 13 de Abril de 1923.

Seguindo-se à manifestação de bebé "Bloesoms", diz o experimentador, chegou a vez do Espírito de um desconhecido. Diz que em vida respondeu pelo nome de Arthur Eame e que três anos antes havia morrido de pneumonia no hospital da cidade, tendo então 23 anos de idade.

Acrescentou haver habitado a casa n. 18 de Clive Road e ter deixado uma noiva, de nome Carroll, que morava no n. 229 de Fleent Street. Continuou, dizendo:

— *Espero me façais a gentileza de ir a casa dela para dizer-lhe que não morri e que lhe envio afetuosa saudação. Penso sentir-se-á reconfortada com esta mensagem. Desejava também fizésseis saber a meu pai que eu estou com minha mãe e que ambos lhe mandamos cumprimentos cheios de afeto.*

No dia imediato telefonei ao médico de plantão no hospital, pedindo-lhe ver no registro de doentes se um rapaz de 23 anos, de nome Arthur Eame, havia morrido nesse hospital, três anos antes, em consequência de uma pneumonia. Respondeu-me que, com efeito, havia na época indicada morrido de pneumonia, no hospital, um doente com aquele nome, mas de prenome diferente e que tinha vindo de outra localidade da comuna.

Fiquei um tanto desnorteado verificando tal discordância da informação recebida medianimicamente, e isto com tanto maior surpresa quanto haviam sido absolutamente verídicos todos os esclarecimentos até então recebidos.

Na sessão imediata pedi, a este respeito, explicações ao Espírito de minha mulher, que se limitou a responder:

— *Continua a procurar e acharás.*

Resolvi, portanto, ir ao n. 18 de Clive Road, rua que se acha no quarteirão Este da cidade e onde reside a parte operária da população. Lá verifiquei que a família que habitava a casa tinha o nome completamente diferente, tudo ignorando a respeito do que me interessava. Continuei minhas pesquisas nos arredores, mas sempre infrutiferamente; voltei desanimado e cansado.

No dia seguinte parti para uma viagem. De regresso, decidi prosseguir nas investigações, indo à procura da noiva do Espírito comunicante, na esperança de, achando-a, ter nela um bom elemento para me ajudar a esclarecer o mistério. Comunicando à médium esta minha intenção, ela me fêz saber que, de alguns dias àquela data, por clariaudiência, percebia uma voz, ora de homem, ora de mulher, pronunciar a palavra "Frazer", que para ela nenhuma significação tinha.

Pensei que este nome poderia ter qualquer relação com o caso e dele tomei nota.

Pouco depois dirigi-me ao n. 229 de Fleent Street; lá chegando foi-me a porta aberta por uma moça, a quem perguntei se ali morava a família Carroll.

— *Sim — respondeu-me.*

— *Conheceste outrora um rapaz chamado Arthur Eame?*

— *Não; este nome me é inteiramente desconhecido.*

Coisa estranha! pensei então. Acho a casa, encontro a noiva e o mistério, longe de se esclarecer, complica-se. Arrisquei mais uma pergunta:

— *Talvez tenhais conhecido um outro rapaz chamado Arthur Frazer?*

A moça cheia de surpresa, perguntou-me:

— *Mas onde pretendeis chegar? Que desejais?*

— *Nada — respondi. — Desejava apenas saber se havíeis conhecido esse rapaz.*

— *Conheci-o, sim; era meu noivo, mas em setembro faz três anos que, vítima de uma pneumonia, morreu no hospital.*

E pôs-se a chorar, deixando cair sobre a mesa os braços estendidos e com o rosto contra a madeira. Soluçava de maneira a comover. Esforcei-me por acalmá-la e distraí-la; nesta intenção, disse-lhe que era portador de uma mensagem afetuosa da parte do seu noivo, explicando-lhe, ao mesmo tempo,

como era isso possível. Tranquilizando-se um pouco, contou-me que ela e o noivo haviam crescidos juntos, que ele tinha ido para a França, combater pela Pátria; que havia regressado doente e reduzido à maior pobreza, para ver o fim dos seus dias em um hospital. Tive grande dificuldade de lhe fazer compreender o modo pelo qual se dava o fenômeno das comunicações medianímicas com o mundo espiritual; fi-lo, entretanto, do melhor modo que me foi possível, e certo estou de que mais tarde essa mulher fará ideia bem diferente e bastante mais confortadora de tudo o que diz respeito ao grande mistério da vida e da morte.

Dela obtive indicação da casa em que morava o pai do noivo, casa que distava cinco minutos dali. Lá encontrei um homem a rachar lenha na cozinha.

— *Sois o Sr. Frazer?* — *perguntei-lhe.*

— *Sim* — *respondeu-me.*

— *Com a guerra perdestes um filho?*

— *Infelizmente.*

— *Era noivo de uma jovem da família Carroll?*

— *Efetivamente.*

Nesse momento ele tirou da parede o retrato do filho e mostrou-mo. Esse homem pareceu-me, desde logo, um representante típico e inteligente da sua classe social, e quando me julguei no dever de lhe explicar o motivo das minhas perguntas, dando-lhe ciência da mensagem do filho e da mulher, percebi que tocava em corda a vibrar simpaticamente e já afinada.

— *Justamente nestes últimos dias, disse-me ele, li algo de Sir Conan Doyle, que afirmava essas mesmas coisas.*

Graças a essa leitura sua mentalidade estava apta a assimilar a verdade que lhe estava expondo.

Depois de havermos longamente conversado e fumado, regressei muito satisfeito do resultado das minhas investigações, apesar de ainda não as ter completas. Era indispensável, com efeito, conseguisse uma explicação a respeito da confusão de nomes. Porque teria o Espírito comunicante dado o nome de Eame, quando, de fato, ele se chamava Frazer?

Perguntei ao Espírito de minha mulher que, dizendo-me não saber o motivo, prontificou-se a obter uma explicação a respeito. Pouco depois voltou com este esclarecimento:

— *Frazer é o nome do rapaz, mas quando ele começou a te falar tinha ao lado um outro Espírito, chamado Eame, que se havia extraordinariamente interessado, ao notar que o primeiro se comunicava com vivos e estava impaciente por também podê-lo fazer. Havia morrido da mesma moléstia, no mesmo dia e no mesmo hospital. Ora, aconteceu que quando Arthur Frazer deu o seu prenome, o Espírito de Eame se intrometeu, pronunciando o seu nome de família, o que fêz com que reconhecesses o nome de um e o prenome do outro, sem perceberes a diferença entre as duas "vozes diretas" que se haviam feito ouvir.*

Esse esclarecimento pareceu-me solução muito plausível do enigma, mas era indispensável certificar-me de sua exatidão. Dirigi-me, pois, ao hospital, à procura do médico com o qual já me havia comunicado pelo telefone. Expus-lhe a coisa com a maior franqueza e também o resultado do inquérito, pedindo-lhe de consultar, ainda uma vez, o registro do hospital. Ele o fêz imediatamente. E com grande espanto seu e regozijo meu, leu ele os seguintes apontamentos:

— *Arthur Frazer — 23 anos. Pneumonia. 21 Setembro, 1920.*

— *James Henri Eame — 46 anos. Pneumonia. 22 Setembro, 1920.*

O único erro existente, neste admirável caso de identificação, consistia em haver minha mulher dito que os dois homens tinham morrido no mesmo dia quando, pelo registro do hospital, se verificava que um havia morrido em um dia e o segundo no outro. Mas o médico fêz-me notar que muito provavelmente havia um falecido por volta da meia-noite e o outro meia hora ou uma hora depois, com intervalo de tempo tão curto que não podia o fato provocar qualquer sofisma. Demais, ao que me disse ele, no hospital se registrava apenas o dia da morte e nunca a hora. O doutor ficou em extremo surpreendido e impressionado pela evidência da prova espírita, que ressaltava do encadeamento dos detalhes.

Inútil será acrescentar não haver eu conhecido nenhum dos dois protagonistas do caso e que não existia relação de qualquer ordem ligando um destes indivíduos a qualquer um de nós. Não obstante, o Espírito comunicante se manifestou e eu consegui vencer todas as dificuldades que haviam delongado o meu inquérito, obtendo escrupulosa autenticidade das informações que um Espírito, de todos desconhecido, havia, de moto-próprio, oferecido, com o fim da identificação pessoal. (Páginas 112-122.)

Tal o interessante episódio narrado pelo Sr. Appleyard. Sabemos que nos casos de identificação espírita se dão, com certa frequência, erros inexplicáveis de nomes, como o que acaba de ser esclarecido, erros que parecem corroborar o ponto de vista dos nossos antagonistas.

Se o Espírito do morto comunicante errasse ao dar o próprio nome, o nome da mulher, do filho, do irmão, o valor probatório — no sentido espírita — dos outros esclarecimentos verídicos, fornecido sob a responsabilidade da mesma personalidade medianímica, deixaria, sem dúvida, de existir, e a hipótese de uma «personificação subconsciente», combinada com a clarividência do médium (proso-popese-metagnomia), tornar-se-ia verossímil, não obstante os obstáculos teóricos de outra natureza.

Tal, com efeito, a tese de Podmore e de tantos outros, tese com êxito contestada pelo Dr. Hodgson e pelo Prof. Hyslop, que demonstraram as dificuldades enormes e complexas, que surgem diante do fato de ter a entidade espiritual comunicante de, para tal, se utilizar de cérebros alheios, não sendo, por isso, lícito resolver, com tanta desenvoltura, um enigma que, ao contrário, precisa ser demoradamente examinado.

O Prof. Hyslop, baseando-se na oportuna analogia do cruzamento de linhas telefônicas, havia aliás sugerido, para os casos mais desnorteantes desta espécie, uma explicação idêntica a que ressaltou, de modo imprevisto, do episódio supra. Daí a importância teórica do caso em apreço, graças ao qual a hipótese do Prof. Hyslop adquire legitimidade científica. Devemos inferir, com efeito, que grande número dos nomes errados, que são registrados nos casos verídicos de identificação espírita, provêm da presença de outras personalidades desejosas de se comunicarem e cujos nomes se vêm intercalar nas mensagens em andamento, seja por um impulso consciente, seja pela transmissão inconsciente do pensamento de algum dentre os Espíritos que ali se encontrem. Não seria lícito eliminar esta hipótese, como gratuita e não demonstrável, pois no caso acima chegou-se a demonstrar que o nome errôneo obtido, longe de ser fantástico, era ao contrário o nome autêntico de um morto, cujo vestígio foi possível achar-se, do mesmo modo que possível foi constatar-se dever ele ter conhecido, quando vivo, o comunicante que havia morrido da mesma moléstia, no mesmo hospital e até no mesmo dia.

É inegável, pois, que o simples fato de haver sido possível identificar o Espírito pelo qual se havia produzido a confusão de nomes, no episódio que acabámos de ler, agita um problema de todo inconciliável com toda e qualquer interpretação natural do referido episódio. E senão vejamos.

Se acolhêssemos a hipótese dos nossos contraditores — hipótese, em que no episódio em questão se trataria de um fenômeno de personificação subconsciente (prosopopese) à qual viria emprestar autoridade a revelação de esclarecimentos verídicos, obtidos com o auxílio das faculdades claridentes do médium (metagnomia) — não seria possível explicar o incidente da substituição do nome. A hipótese da leitura a distância, nas subconsciências de outros, não se coadunaria absolutamente, de fato, com a natureza da interferência que se deu e

na qual foi transmitido o nome de um Espírito autêntico mas estranho ao comunicante, do mesmo modo que desconhecido de todos os vivos que estavam ligados direta ou indiretamente com esse mesmo comunicante. Quer dizer que nestas circunstâncias as faculdades clarividentes do médium não poderiam, fosse mesmo por um erro, desentranhar esse nome da subconsciência do pai do finado Frazer ou daquela da noiva ou da dos parentes desta ou ainda da dos experimentadores.

Ora, se considerarmos que essas circunstâncias de fato, constituindo obstáculos insuperáveis para a hipótese adversa, se aliam a outras circunstâncias também de fato, não menos insuperável, qual a de ser necessária a «relação psíquica», que não se teria podido estabelecer entre a subconsciência do médium e as subconsciências de pessoas desconhecidas do médium e dos assistentes; se considerarmos todo esse interessante conjunto, teremos de reconhecer que daí ressalta, de um modo mais que evidente, a incapacidade da hipótese da «prosopo-pese-metagnomia» para explicar erros dessa natureza. Só nos resta, pois, aceitar a explicação resultante dos próprios fatos e dizer que o incidente da substituição de nome é um fenômeno de interferência, produzido por um outro Espírito tentando intempestivamente transmitir o próprio nome, que assim se vem intercalar no meio da comunicação medianímica em andamento, incidente que se verifica comumente no mundo dos vivos, sob múltiplas formas, na telefonia e na telegrafia sem fio. Por outros termos, reconhecendo que a substituição de nomes, no género da que estamos examinando, não se pode produzir pela «criptestesia», e sendo, pelo contrário, racional que interferências dessa ordem se dêem, às vezes, nas comunicações medianímicas com os mortos, teremos logicamente de concordar que esta última hipótese é a única capaz de explicar o fato e, conseqüentemente, também a única cientificamente legítima.

Acrescentarei que, com isto, conseguimos demonstrar uma outra verdade teórica, embora não procurada aqui, isto é, que a hipótese espírita, em última análise, ao invés de ser prejudicada com os erros que se encontram nas mensagens dos mortos, tira desses erros proveito, às vezes, inestimável. E assim não será temeridade prever que as outras incertezas teóricas, ainda existentes nesse terreno, hão de um dia constituir outras tantas provas auxiliares, da mesma interpretação.

Extraio este terceiro caso do «Journal of the American Society for Psychical Research» 1923, páginas 552-555. O Sr. Stuart Armour, membro desta Sociedade americana e conhecido do Prof. Hyslop, com quem trocou algumas cartas a respeito do caso, escreve o que se segue:

Foi em S. Francisco, faz alguns anos, que comecei a interessar-me pelas investigações psíquicas. Fiz durante alguns meses experiências com médiuns particulares e com médiuns profissionais. Aconteceu que travasse conhecimento

com a médium Sra. Sarah Seal, senhora distinta, aproximadamente com 65 anos de idade e respeitada, como aliás de justiça, por sua honestidade e impecável correção... Como morasse não longe de mim, ia cumprimentá-la frequentemente ao sair do meu escritório, com o fim único de com ela trocar ideias.

Um dia, tendo conversado longamente sobre os meus projetos de exploração de uns terrenos mineiros, que acabava de comprar no Estado de Nevada, a Sra. Seal interrompeu-me, em determinado ponto da palestra, para dizer-me que enquanto eu falava ela ouvia uma voz com timbre irlandês, provindo de alguém que se mostrava muito interessado pelos meus projetos, e que notava que essa pessoa não sabia exprimir-se sem intercalar no período palavras inconvenientes e vulgares .

— Pedi, disse-lhe eu, pedi a esse alguém que vos fala o obséquio de dar o seu nome e de explicar o motivo por que manifesta tanto interesse pelo meu empreendimento.

Respondeu, então, a voz: "Chamo-me Phil Longford", acrescentando que quando vivo havia preconizado, durante vários anos, a oportunidade de explorar este mesmo distrito mineiro, para o qual acabava de voltar as minhas vistas.

Esse nome me era completamente desconhecido, assim como à Sra. Seal, cumprindo notar que o distrito mineiro de que se trata acha-se situado a uma distancia de 350 milhas de S. Francisco, em região deserta e quase inabitada do Estado de Nevada. Os mais próximos habitantes desse distrito eram dois velhos mineiros que residiam a 11 milhas de lá e nunca se haviam afastado da localidade em que viviam. Um deles, natural de Cornouaille, chamava-se James Say e, nessa região, residia há grande número de anos.

A Sra. Seal era inglesa, havia vivido sempre no Kansas e na Califórnia. Nunca havia posto o pé no Estado de Nevada, mas ainda que lá tivesse ido e mesmo residido, continuaria a ser absurdo que tivesse ouvido falar de um obscuro prospector de minas, que vivera muito tempo antes. Eu mesmo, quando fui a essa região, inspectar esses terrenos mineiros, fiz o que pude para bem conhecer-lhes o histórico, por haver encontrado vestígios de trabalhos anteriormente empreendidos; consegui apenas saber que tribos indígenas haviam procedido escavações e descoberto ricas amostras de minério aurífero, mas ninguém fêz menção de qualquer antigo prospector dessas minas, chamado Phil Longford.

Por intermédio da Sra. Seal disse ao Espírito de Phil:

— *Se habitaste essas paragens alguns anos atrás, deves ter conhecido o velho mineiro James Say.*

— *Certamente que conheci, disse-me ele, mas en-tão ainda era um rapaz.*

Perguntei-lhe ainda:

— *Se de ti falasse ao mineiro Say, pensas que ele se lembraria de ti?*

— *Deve lembrar-se, respondeu; mas, se por acaso houver esquecido, fala-lhe do maior comilão e do maior blasfemador da região e ele imediatamente se recordará de mim.*

O resultado deste diálogo foi que escrevi a James Say, dizendo-lhe que, no correr das minhas investigações, tinha sabido que um irlandês, de nome Phil Longford, havia prospectado, alguns anos atrás, o distrito mineiro que me interessava, pedindo-lhe me dissesse o que a respeito sabia. Respondeu-me, pela volta do correio, que tinha conhecido, de fato, Phil Longford, que, entretanto, havia morrido há bastante tempo, tendo deixado um filho que ainda era vivo e residente em Reno (Nevada).

O Espírito de Phil era uma entidade cheia de vida, mas muito vulgar e rasteira. A Sra. Seal andava horripilada do seu calão rude e inconveniente. Ele denunciava sua presença por longa tirada de pragas, após o que podia então continuar a conversa sem tal colorido. Desculpava-se dizendo que, ao tomar contacto com as condições terrenas, os antigos hábitos de linguagem, de si mesmo explodiam, sem que lhe fosse dado evitá-los.

Nas conversas por intermédio da Sra. Seal, esta muitas vezes o não compreendia, devido às expressões da gíria irlandesa, dela ignorada.

Mostrava-se ele pouco contente de mim: na sua opinião, eu não estaria agindo bastante energicamente no sentido de arranjar os elementos necessários para a exploração das minas, que tanto o interessavam.

Perguntei-lhe donde lhe vinha o interesse pelo meu negócio, ao que me respondeu que se sentia preso a esse distrito, enquanto as minas não fossem exploradas.

Acrescentou que havia esperado longos anos, em vão, mas que por fim havia eu surgido. Então me havia estudado de perto, convencendo-se ser eu o homem necessário para tentar o empreendimento, dada a feição de iniciativa e mesmo um tanto aventureira do meu temperamento, (meio maluco, dizia ele).

Sabendo que ele tinha um filho, que vivia no Reno, perguntei-lhe se não achava bom que ao mesmo escrevesse comunicando as minhas relações com o pai.

— Não faças isso — disse-me ele. E acrescentou — Tu te encontrarás um dia com o meu filho e então conhecerás o vício do pai, quando peregrinou pela Terra.

Aproximadamente um mês mais tarde, estava eu no Reno, em um café, à espera do trem, quando vi entrar um homem, completamente embriagado, que veio direito a mim, embora me achasse na parte mais distante e não obstante estar o local repleto de mineiros.

— Eu vos conheço, disse-me ele, mas não me posso lembrar do nome. Vinde virar um copo comigo.

Não aceitei o convite e lhe fiz ver que deveria estar enganado, pois absolutamente não o conhecia. Por tal forma, porém, insistiu que, para dele me ver livre, acabei por me dirigir ao balcão, onde verifiquei que ele era conhecido de toda a gente. Em um dos momentos que sua atenção estava presa alhures, perguntei ao dono da casa quem era tal sujeito, e ele me respondeu que o pândego se chamava Longford. Havia, de fato, me encontrado com o filho de Phil!

Na sessão imediata com a Sra. Seal, o Espírito de Phil se manifestou, dizendo, logo de início:

— Agora que já te encontraste com meu filho, deves saber qual o defeito do pai. Fui um bêbedo e não é por outra coisa que me acha preso ao vosso mundo. Quando eu te disse que me sentia preso ao distrito mineiro, que ora te preocupa, queria dizer que por uma causa misteriosa, cuja explicação não conheço, o meu futuro espiritual parece estar preso à exploração das minas que prospectei, em vida. — E terminou com o seu habitual bom humor: — Talvez a Sra. Seal, que é uma senhora esclarecida, possa explicar-te o mistério, para mim claro como água barrenta.

O caso que acabo de transcrever oferece ensejo para algumas considerações de ordem teórico-espíritas, que viriam projetar alguma luz sobre as incertezas que ainda envolvem as causas determinantes de certos estados inferiores de transição na vida espiritual; mas seria afastar-nos demasiado do nosso caminho.

Devemos excluir por completo a possibilidade, mesmo longínqua, de haverem o narrador e a médium tido conhecimento da existência e dos hábitos da vida do finado Phil Longford, para em seguida tudo esquecerem (criptomnesia). Vimos mesmo o próprio narrador, quando no local, a fim de obter informações sobre o

histórico das minas, que pretendia explorar, não haver colhido qualquer referência sobre a existência deste indivíduo, homem de todo obscuro e falecido muitos anos antes, numa região deserta, distante 350 milhas da residência do narrador e da médium.

A hipótese da prosopopese-metagnomia ainda uma vez se apresenta impotente para explicar os casos e como, no caso em foco, não possamos encontrar outros naturais, ou mesmo logicamente aplicáveis, encarado que seja sob qualquer um dos seus detalhes de realização, só nos sobra o recurso da única explicação plausível, que nos aponta a personalidade comunicante como sendo de fato a do Espírito do morto, que se declara presente. Não nos devemos também esquecer que a médium não compreendia o que dizia o Espírito comunicante, quando este se exprimia em gíria irlandesa, o que demonstra, de um modo incontestável, a presença de uma individualidade pensante, independente da individualidade pensante da médium.

A confirmar ainda estas conclusões, temos o interessante episódio da predição do próximo encontro do narrador com o filho de Phil.

Tudo concorre para provar que esse pré-anúncio não podia ser um episódio de clarividência da parte da personalidade comunicante, mas o aviso antecipado de um encontro que o Espírito comunicante se dispunha a provocar, agindo telepaticamente sobre o filho no momento oportuno. Claramente isto ressalta das circunstâncias em que se deu o encontro. Vemos com efeito o filho de Phil entrando, bêbedo, pelo café repleto de fregueses, e dirigir-se diretamente ao Sr. Armour, que nunca tinha visto, como se uma influência estranha o compelsse, cumprindo não esquecer a outra circunstância de o filho de Phil haver dito ao Sr. Armour: «Eu vos conheço, mas não me posso lembrar do vosso nome», enquanto que na realidade nunca se haviam encontrado. Vem este pormenor confirmar a indução de que ele agia sob a impulsão telepática do Espírito do pai que, havendo predito ao narrador um encontro próximo com Longford filho, procurava então determiná-lo.

Uma terceira circunstância convergente, neste sentido, está no fato de, na sessão medianímica subsequente, o Espírito de Phil se haver manifestado dizendo: «Agora que já te encontraste com o meu filho, deves saber qual o vício do pai», o que mostra estar ele bem certo de se haver dado o encontro.

É portanto claro que, no caso relatado pelo Sr. Armour, se encontram, em grande número, provas demonstrativas da origem espírita dos fatos, ao mesmo tempo que se constata a impossibilidade da prosopopese-metagnomia para explicar casos de identificação espírita desta natureza.

Metapsíquica Humana, ed.: FEB, Rio de Janeiro.